

Editorial

PREZADO LEITOR,

O compromisso de veicular informações, de levantar assuntos, de discutir temas referentes à deficiência visual mantém-se vivo neste periódico. A disseminação do conhecimento, base do nosso trabalho, fica como uma contribuição e efetiva busca do Instituto Benjamin Constant para que as questões afetas à cegueira e à baixa visão se façam presentes, objetivas e esclarecedoras, trazendo ao nosso leitor a motivação e o interesse a fim de que se sirva dos estudos e pesquisas publicados nesta revista.

O foco da Benjamin Constant é claro: promover o exame minucioso dos problemas que cercam as diferentes áreas e os profissionais que atuam junto à pessoa com deficiência da visão. A edição deste número coloca em debate mais uma vez postulados que trazem à luz aspectos importantes para que se abra uma análise consequente e crítica de temática tão relevante. Põem-se para você, caro leitor, quatro estudos que esperamos possam oferecer-lhe suporte teórico e prático para o pleno exercício da tarefa que lhe cabe.

O assunto tratado por Louise da Rosa e Bento Selau em “Algumas considerações sobre o processo de alfabetização de crianças cegas” é, sem dúvida alguma, um dos mais complexos e fascinantes com o qual os professores deparam. O período da aquisição da escrita e da leitura suscita muitos cuidados e inúmeros questionamentos. É uma fase de grandes conquistas; entretanto, se não houver competência teórica, critérios bem-definidos, práticas docentes adequadas e exata e profunda compreensão do que seja a cegueira, suas implicações e reais possibilidades, poderão ocorrer graves e irremediáveis prejuízos para essa criança. O artigo em questão levanta dados sobre esse processo e sua complexidade.

Em “Como vemos a cegueira? Algumas respostas: umas, boas; outras, não”, de João Vicente Ganzarolli de Oliveira, o autor toca em um tema de real relevância: a arte como veículo de crescimento da pessoa com deficiência visual. É hora de discutir tais ideias. A cultura e as manifestações artísticas são meios irrefutáveis de ascensão do homem. Todavia, é preciso mudar a visão de que a pessoa cega não se interessa ou não tem como ser beneficiada por esses dois fatores tão ricos e diversos. O acesso à arte e à cultura necessita, com toda a certeza, ser abordado e discutido.

No trabalho desenvolvido por Eline Tereza Rozante Porto e coautores – “Programa de atividades motoras para pessoas com deficiência visual” –, os pesquisadores demonstram a importância dos movimentos corporais. Tal assunto deve, de fato, ocupar estudiosos e profissionais da área da motricidade humana, pois o homem é a resultante do conjunto de vários compartimentos. Assim, a compatibilização e a harmonia dos diferentes compartimentos que formam o ser humano vão ditar o sucesso na sua trajetória de vida. Portanto, corpo e mente precisam harmonizar-se, e os estímulos psicomotores não podem ser negligenciados.

Wagner Maia, em “A inclusão de alunos cegos com o uso do Dosvox na sala de aula do ensino regular do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental”, nos mostra o computador como uma nova ferramenta pedagógica na caminhada educacional de alunos cegos. A validade desse novo instrumento é analisada com uma proposta de trabalho que vem suprir carências e minimizar dificuldades do educando.

Os assuntos estão abertos à discussão. Boa leitura!

Maria Odete Santos Duarte
Diretora-Geral do IBC

ISSN 1414-6339